

A IDENTIDADE NACIONAL EM MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO - Aspecto pouco conhecido de um poeta desesperado da Pátria¹

Maria José M. Madeira D'Ascensão
Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal

*"Paris da minha ternura
Onde estava a minha obra –
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha aventura."*

Mário de Sá-Carneiro, "Abrigo" (Paris – Setembro 1915)

INTRODUÇÃO

O poeta e escritor Mário de Sá-Carneiro foi um homem solitário, insatisfeito, entediado, melancólico, um amante do infinito, do extremo e do absoluto. Conquanto todos estes traços sejam evidenciados e aprofundados em inúmeros estudos acerca deste autor, manifestam-se inequivocamente nas suas novelas, contos ou poemas, tanto de forma discreta e fugaz, como clara e impetuosamente.

Todavia, nenhuma pincelada ilustra melhor o homem, a sua alma, o seu ser e o seu modo de estar entre as gentes do que a sua própria correspondência. Como tal, as cartas, os postais e os telegramas enviados pela personalidade em questão a amigos e familiares constituem um *corpus* clarificador da anatomia do seu pensamento e forma de viver.

Assim, depositária de mais de quinhentas peças enviadas tanto de Lisboa ou Camarate, como de Paris, entre 1901 e 1916, a obra epistolográfica atribuída a Mário de Sá-Carneiro é dirigida, maioritariamente (num número de 217 missivas), a um só destinatário - o seu amigo e colega da geração de *Orpheu*, Fernando Pessoa. Curiosamente, esta grande parte foi produzida num parco espaço de tempo (entre 1912 e 1916), coincidindo o seu término com o suicídio do seu remetente.

¹ Artigo publicado na Revista *Palavras*, vol. Outono de 2013/Primavera 2014, Associação de Professores de Português, Portugal, 2014, pp. 68-81, ISSN 0870-7499.

Estes registos dirigidos ao autor da *Mensagem* firmam-se como delatores de uma extrema e profícua riqueza artística, porquanto revelam as cores, os tracejados e as formas utilizadas pelas mãos de tais ilustres figuras da nossa cultura quando pintavam a literatura moderna portuguesa. Além disso, a funcionalidade e a simplicidade dos mesmos ressalta quando o seu criador os utiliza para “pedir informações, expandir emoções de momento, trocar opiniões, fazer apelos”² ao seu dileto confidente.

Além de Fernando Pessoa, a obra epistolar da figura em destaque tem, também, como alvos, colegas da geração a que Mário de Sá-Carneiro pertenceu; familiares, nomeadamente o seu pai – Carlos Augusto de Sá-Carneiro – e amigos íntimos, como a Maria, amante do pai e futura madrastra, com quem o escritor manifesta um relacionamento muito estreito e afectivo. Embora o número de cartas dirigidas a estes dois últimos seja inesperadamente pequeno (58), tais epístolas denotam um superior grau de intimidade. Naturalmente, a correspondência dirigida à figura paterna não funciona como veículo de ideias literárias, mas sim de manifestações de um grande carinho filial, de descrições triviais do seu dia-a-dia ou de pedidos de dinheiro. O mesmo não se pode dizer das cartas e postais que envia a Maria, onde continua a revelar-se muito do ego do poeta.

Concebida e enviada durante três breves períodos em Paris, a sua correspondência totaliza-se entre os anos de 1912 e 1916. Testemunho valioso do ser humano entusiasmado, sofredor, ansioso, decepcionado, depressivo e histérico, traça tenuamente dois caminhos que sucedem na estrada da vida daquele que se exila longe da pátria. O primeiro dominado pela reacção eufórica, animada e motivadora, própria do homem que, finalmente, encontra um refúgio e o segundo, matizado de um certo negativismo, sugerindo, mesmo, sentimentos como o desânimo, a tristeza, a melancolia, a identidade com o país natal. Enfim, a saudade.

Porém, vislumbra-se, a partir desta forma de comunicação professada pelo escritor, um “emigrante especial”. Tal como a euforia e a animação marcam presença até ao fim da sua vida e estada em Paris, a inquietação e a ansiedade não se evidenciam apenas quando longe do seu país natal. Na verdade, estas últimas características já preenchiam o seu universo pré-emigrante – eram estados de espírito que abrangiam a sua mente desde a sua solitária infância. A saudade, tal como era entendida por Teixeira de Pascoaes e alguns amigos da “Renascença”, não perpassava a filosofia e a literatura de Mário de Sá-Carneiro. Não obstante, a saudade, entendida como a reconquista de uma visão de infância (própria dos modernistas) e a convivência e partilha de ideias, de alegrias e de dores com os amigos e colegas é um dos aspectos gritantes nas suas cartas e postais. Consequentemente, a identidade nacional e

² Fernando Cabral Martins (1997). *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 85.

cultural, era nitidamente ultrapassada pela europeia que contrastava por uma superioridade inquestionável, restando a muitos, daqueles que representavam passiva e entediadamente Portugal, a atribuição da alcunha de “Lepidópteros”.

Por fim, o insurgimento de uma nova literatura provocadora e avassaladora, que se fazia sentir minoritariamente no seu país natal, mereceu ao escritor uma certa consideração e destaque. A identidade apenas se passou a estabelecer em relação a um novo pequeno grupo de artistas que fazia nascer neste poeta, não um patriotismo, mas a necessidade da construção de uma nova literatura, uma nova pátria, concretizando-se, por fim, na contribuição económica e literária que fez para a revista *Orpheu*.

O ENCANTAMENTO DA CIDADE DAS LUZES

“Sendo nós portugueses, convém saber o que é que somos.”³ Fernando Pessoa, ao escrever estas palavras, proclamou a viagem em busca do conhecimento interior como a condição crucial que leva o indivíduo a identificar-se com o seu país. Mário de Sá-Carneiro assim o fez. No entanto, a sua breve passagem pela vida não lhe proporciona o alcance da sua alma nacional.

E, assim, homem só, por destino e natureza, procura no estrangeiro encontrar-se, conhecer-se e curar-se do seu eu já tão familiarmente triste e melancólico. Não consegue. Talvez por isso, logo nos primeiros tempos em Paris, manifeste a Fernando Pessoa uma certa desmotivação em relação à sua vida e ao curso de direito que pretendia continuar a tirar.

“Não tenho de forma alguma passado feliz nesta terra ideal. Tenho mesmo vivido ultimamente alguns dos dias piores da minha vida. Porquê? Indagará você. Por coisa alguma – é a minha resposta. Ou antes: por mil pequenas coisas que somam um total terrível e desolador. Olho para trás, e os tempos a que eu chamei desventurados, afiguram-se-me hoje áureos, suaves e benéficos. Diante de mim, a estrada vai pouco a pouco estreitando-se, emaranhando-se, perdendo o arvoredor frondoso que a abrigava do sol e do vento. E eu cada vez mais me convenço de que não saberei resistir ao temporal desfeito, à vida, em suma, onde nunca terei lugar.”

(Paris, 16 de Novembro de 1912)

³ Fernando Pessoa, “Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação” in Carlos Reis (1990). *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 336.

A fraqueza, a desilusão, a insegurança e a inconstância que dominam o escritor deixam transparecer o complexo de Θάνατος. E a força contraproducente deste último estende-se até ao impulso que o leva a pôr em causa o regresso à sua terra. Esta personalidade recusa, assim, uma identificação nacional com o caminho que conduz verdadeiramente ao seu eu. Por isso, demonstra que convém olhar para um novo país, um novo futuro, que representa a promessa da conquista do absoluto.

“Talvez não me compreenda nestas palavras, mas eu não tenho paciência nem força para lhe falar mais detalhadamente: Em suma não creio em mim, nem no meu curso, nem no meu futuro. Já tomei várias decisões desde que aqui estou e um dia senti, na verdade senti cheio de orgulho, que me chegara finalmente a força necessária para desaparecer. Ilusão dourada! Na manhã seguinte essa força remediável tinha desaparecido. E então resolvi voltar para Lisboa, sepultar dentro de mim ambições e orgulhos. Mas não tive também força para o fazer. Sorria-me Paris e lá ao longe, um fiozinho de esperança que todas as aspirações dentro de mim me fizeram ver como um facho resplandecente.”

(Paris, 16 de Novembro de 1912)

A negação de Lisboa também se faz sentir nas cartas que esta personalidade escreve a seu pai, Carlos Augusto de Sá-Carneiro. Nestas, aponta as fraquezas, as faltas de condições climatéricas, económicas e tecnológicas da capital do seu país de nascença.

“Rapa-se mais frio em Lisboa do que aqui. Porque em Lisboa, não há aquecimento nem nas nossas casas, nem nos cafés, nem nos teatros. Ora o frio aonde justamente incomoda menos é na rua, porque se vai a andar, fazendo movimento, o que aquece portanto o corpo.”

(Paris, 15 de Janeiro de 1913)

Gradualmente, Paris irradia a luz da descoberta do seu eu e proporciona à mente tenebrosa e insatisfeita deste poeta um certo conforto espiritual, partilhado com o seu colega, em nova carta.

“No entanto, ultimamente, vou passando um pouco melhor, muito pouco aliás. Porquê? Sem motivos, como sem motivos as crises se agravam. São talvez influências subconscientes, e a atmosfera, o perfume do ar, a cor do céu, as pessoas que em redor de nós circulam – têm talvez império sobre o nosso estado. Assim, eu ontem, sem motivo, passei um dia razoável. Havia pouco sol e muito frio. Vagueei solitário pelo meio-dia nos boulevards. E como se fosse domingo e eles corressem vazios de gente, o cenário foi-me grato; o ar cheirava bem – senti-me confortado.”

(Paris, 2 de Dezembro de 1912)

Depressa o escritor ultrapassa a fase de contestação que faz ao seu país de origem. Passa, então, a revelar uma grande indiferença pelo mesmo e a assumir uma certa identidade com a cidade que o acolhera. Por conseguinte, não consegue deixar de transmitir a Fernando Pessoa o entusiasmo e a exaltação que o invadem logo no início de um segundo período de emigração.

“Mesmo não há nada de interessante – apenas hoje sozinho, o meu pai tendo partido às 12.16 começo a instalar-me em Paris. Mas a glória de de novo a encontrar e vibrar, laivada de cinzento no entretanto pela atmosfera sempre dolorosa do meu mundo interior, tem-me dispersado todos estes dias – vivendo em verdade até hoje só em metade de mim – como até raciocinei esta manhã ao almoço em que verdadeiramente, lucidamente me senti meio só (agora houve um trovão!...), embora o estofo do banco se amarfanhasse sob uma inteira pessoa nutrida...”

(Paris, 15 de Junho de 1915)

Mário de Sá-Carneiro vislumbra, então, eufórico, o objectivo da sua presença em Paris. A compreensão que estabelece progressivamente da sua opção é descrita ao seu amigo, denunciando ora semelhanças, ora contrastes com um dos seus heterónimos. Álvaro de Campos representa, pois, uma forma de exílio – a do ser do seu criador – e de reconhecimento da portugalidade do ortónimo.

“O que me diz sobre o seu «exílio», embora na verdade a minha vibratibilidade o não possa aceitar com extrema simpatia, é quanto a mim um curioso fenómeno, mas um «admirável fenómeno» (perdoe-me a expressão estrambótica) no autor da «Ode» do Álvaro de Campos. Meu amigo, seja como for, desdobre-se você como se desdobrar, sinta-de-fora como quiser o certo é que quem pode escrever essas páginas se não sente *sabe* genialmente sentir aquilo de que me confessa mais e mais cada dia se exilar. (...) eu, eu que pelo contrário cada vez vendo que a única coisa que me poderia fazer sair de mim, como ver em alheamentos de verdadeiro Artista é aquilo a que globalmente chamo Europa (...) Oiça: Eu amo incomparavelmente mais Paris, (...) eu a cada linha mais sua que leio sinto crescer o meu orgulho: o meu orgulho por ser, em todo o caso, aquele cuja obra mais perto está da sua – perto como a terra do sol – por o contar no número dos bem íntimos e em suma: *porque o Fernando Pessoa gosta do que eu escrevo.*”

(Paris, 13 de Julho de 1914)

Poderia funcionar esta missiva como resposta às ideias que reiteravam o pensamento de Fernando Pessoa e que se materializaram nas célebres frases: “O bom português é várias pessoas.”⁴ e “Nunca me sinto tão portuguêsmente eu como quando me sinto diferente de mim – Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver”⁵.

Em 4 de Agosto de 1914, inicia-se a primeira guerra mundial com a invasão da fronteira da Bélgica, pelos Alemães. Rapidamente o terror assola a capital de França. O escritor dá-nos, então, um valioso testemunho do ambiente assustador que se vivia na época, através da correspondência enviada a seu amigo. Todavia, continua a manifestar um amor e uma lealdade colossais por Paris. De tal forma que, independentemente dos perigos da guerra, deixa descobrir uma certa tristeza quando se defronta com a possibilidade de ter que partir para Portugal.

“Toda a Europa em armas – lê-se nas manchetes. E mesmo de Lisboa, telegramas: Portugal mobilizará 10 mil homens em vista da aliança inglesa. Por mim estou ansioso e desoladíssimo neste momento. O meu pai já ontem me telegrafou de L. Marques a dizer-me que era melhor voltar para Lisboa. Respondi-lhe que valia a pena esperar. A cada passo entretanto receio ter que partir por ordem dele – ou mesmo forçado pelas circunstâncias: seja como for só partirei em último caso. Estou muito triste! De resto, embora os perigos, eu gostaria veemente de viver esta guerra da Europa em Paris. Mas não sei, nada, nada... (...)”

(Paris, 1 de Agosto de 1914)

Na realidade, a perspectiva de voltar a Lisboa deixa-o completamente transtornado. Embora manifeste a Fernando Pessoa um certo medo da situação em que se encontra, a sua posição de se manter no “Paris da Guerra” (Paris, 6 de Agosto de 1914), “(...) Paris de Europa, atónito, apavorado e deserto.” (Paris, 6 de Agosto de 1914)⁶ revela-se inabalável. Já dirigindo-se a Maria, o escritor simula uma postura animada, tranquila, temperada com um certo divertimento. Inconsciente ou conscientemente, esta missiva teria provavelmente como objectivo acalmar seu pai, no sentido de que este não o forçasse a regressar para Portugal.

“Aqui não corro perigo nenhum! Apenas às 8 horas – cama me fecit porque fecha tudo!... E há também que andar à pata todo o dia pois os ómnibus andam todos em serviço militar – e o pessoal dos eléctricos e do metropolitano foi todo para a guerra... Comboios para

⁴ Fernando Pessoa, “Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação” in Carlos Reis (Coord.), *Op. Cit.*, p. 336.

⁵ *Idem, Ibidem.*

⁶ Ambas as expressões ocorrem em duas cartas distintas datadas com o mesmo dia: 6 de Agosto de 1914.

viajantes – nem meio! A agência dos Wagons-lits (Sud-Expresso) fechou... Enfim, um pagode – como vês; uma vida divertidíssima... Mas como é só isto – não custa nada ter paciência...”

(Paris, 9 de Agosto de 1914)

Inconsolável, Mário de Sá-Carneiro vê-se, finalmente, forçado a abandonar o seu *habitat*. Mas, tal como refere a seu confidente dilecto, recusa, como destino, Lisboa, preferindo Barcelona.

“Não posso com efeito aguentar o ambiente de Paris – o que não posso em verdade é aguentar-me! (...) E amanhã parto para Barcelona... É claro que não sei mais nada... Vou telegrafar a meu pai que fico lá enquanto a guerra durar. Mas não sei... Sobretudo horroriza-me voltar a Lisboa... (...) Mas você meu querido amigo não pode calcular o tédio destes últimos dias – uma tristeza derradeira, suspensa, aniquiladora a desamparo. E repito-lhe: prefiro tudo, a continuar parado. Estava mesmo decidido a partir para Lisboa... mas esta manhã lembrou-me a solução preferível em disparate a seguir para Barcelona...”

(Paris, 24 de Agosto de 1914)

O *mal de guerre* estende-se até Espanha (“Estou mal em Paris, estou mal em Barcelona – estarei horrivelmente mal em Lisboa.” Barcelona, 29 de Agosto de 1914) e o poeta acaba por partir para a capital de Portugal. Passado um período de cerca de um ano, o regresso à capital francesa apazigua, finalmente, a sua alma. Então, povoado até aí pela agonia, insatisfação e uma certa revolta, comunica histérica e vibrantemente a seu fiel amigo.

“Paris, então. Ah! Uma glória – outra glória – outra maravilha. Maravilha que, de resto, para ser vibrada em todo o seu oiro necessita de influenciar alguém que tivesse conhecido a Cidade em plena paz. É a mesma – mas em febre amortecida. Dir-se-ia que mão fantástica fechou um pouco o registo regulador do movimento-total, da «corda» que faz mover, em relojoaria, Paris inteiro. Juro-lhe que desde o próprio barulho dos automóveis deslizando nas ruas – e as suas buzinas – até aos timbres eléctricos chamarizes dos animatógrafos e mais baiúcas, tudo se atenuou, esmaeceu, velou, diluiu – mas permaneceu em encanto – mais penetrante hoje por subtilizado, imponderalizado, centrado – mas simultaneamente febrilizado em novas crispações.”

(Paris, 17 de Julho de 1915)

Consequentemente, reafirma-se a Mário de Sá-Carneiro a imagem de uma Lisboa plena de passividade, tédio e monotonia, aspectos que ele tivera a oportunidade de defrontar novamente durante o tempo em que lá se estabelecera. A contestação de um possível retorno

a tal cidade remete inequivocamente para uma falta de identidade com Portugal e os Portugueses. Por isso, a referência à direcção tacanha e errónea que os “lepidópteros” tomavam, a qual se tornava um topos constante na sua correspondência a Fernando Pessoa:

“Espero uma resposta telegráfica do meu Pai a uma carta que lhe escrevi daqui no dia da minha chegada: 15 de Julho. Depois, não sei. Eu pedia-lhe nessa carta que me deixasse, *por tudo*, ficar aqui – pelo menos até me mandar ir para África. Em suma, bem frisado: tudo menos Lisboa. Ignoro o que ele fará. Vamos ver. Instabilidade! Mas prefiro-a tanto, tanto, à estagnação! África – outro naufrágio a mais. Deixá-lo – se assim for. Pelo menos, agitação, mudança. Acima de tudo me arrepia a ideia sem espelhos de, sem remédio, novamente fundear no Martinho... Não sei porquê mas esse café - não os outros cafés de Lisboa, esse só – deu-me sempre a ideia dum local aonde se vem findar uma vida: estranho refúgio, talvez, dos que perderam todas as ilusões, ficando-lhes só, como magro resto, o tostão para o café quotidiano – e ainda assim, vamos lá, com dificuldade. Tanto lepidopterismo!”

(Paris, 7 de Agosto de 1915)

A preferência por um local que lhe é estrangeiro simboliza tanto o encontro do seu eu consigo próprio, como o refúgio dos seus pensamentos e loucuras. E até pôr término à sua vida, em 26 de Abril de 1916, as mensagens que envia a seu colega, encantadas com um Paris inigualável, rejeitam sempre a capital do país lusitano, excepto quando se põe a hipótese de ir viver com a sua Ama de infância. Lisboa assume, então, uma faceta positiva, a única que, até ao momento, o escritor conhecera.

“Entretanto seria feliz, que[r] ver como: se me dessem a garantia de nunca mais sair daqui, tal e qual como estou – mesmo até numa ordem de prisão que me estabelecesse o termo de Paris como residência.”

(Paris, 22 de Agosto de 1915)

“Note que eu não me importaria muito de ir para Lisboa, visto que a dificuldade maior está arredada com a única presença da minha Ama em Lisboa. Gostaria até de partir para Lisboa – *se não tivesse pena de me ir embora de Paris (...)*”

(Paris, 22 de Fevereiro de 1916)

Brindando Paris com poemas elogiosos como “Abrigo” e uma quintilha que enviara numa carta, em 31 de Agosto de 1915, a Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro vive, até ao fim da sua vida, inebriado pela cidade das luzes, rejeitando uma certa identidade com a cultura portuguesa e Portugal como residência. Todavia, procura sempre conhecer-se a si próprio.

Quem sabe se, com mais tempo de vida, não seria essa a viagem que levaria esta figura a descobrir Portugal?

O facto de não ter possibilidades económicas que permitissem o seu sustento no estrangeiro terá sido uma das gotas de água que agitariam o oceano da sua ânsia de morrer? Talvez⁷. Embora o suicídio tenha os seus mistérios tal como o desenrolar da própria existência, o que é certo é que o objectivo vital do ser humano é ser feliz e Mário de Sá-Carneiro só o era na cidade das luzes.

*A minha Alma fugiu pela Torre Eiffel acima,
- A verdade é esta, não nos criemos mais ilusões -
Fugiu, mas foi apanhada pela antena da T.S.F.
Que a transmitiu pelo infinito em ondas hertzianas...
(Em todo o caso que belo fim para a minha Alma!...)*

(Paris, 31 de Agosto de 1915)

A EXPERIÊNCIA DA SAUDADE E DA NOSTALGIA

O patriotismo, emoção em torno da terra natal, nunca se evidencia na correspondência de Mário de Sá-Carneiro, enquanto emigrante em Paris. Esta forma de sentir Portugal declaradamente individualizável não brota nas suas letras, nem transparece nas suas palavras. A própria saudade, aspecto integrante do sentimento patriótico, não se faz sentir em tal personalidade da nossa cultura. Sente-se, sim, nos seus registos, uma desopressão e um entusiasmo atroz pelo simples facto de poder ousar, conceber livremente a arte e apenas, existir, sem estar sujeito a um Portugal velho e gasto, imerso num sono colectivo de “lepidópteros”.

O escritor unicamente revela uma certa emoção e ansiedade quando manifesta a vontade de reviver a amizade, o apoio ou a simples presença dos seus amigos ou familiares. A palavra “saudade”, trabalhada pelas mãos de tal individualidade adquire, assim, outras formas. O amor pátrio é nitidamente substituído pelo filial e afecto a outros laços que não os nacionais. A tentativa de superar a solidão, presença constante na vida e obra do escritor, faz-

⁷ Além de ser visível, em toda a correspondência de Mário de Sá-Carneiro, a ansiedade e o transtorno doentios, desencadeados pela falta de dinheiro, em Paris, António Quadros refere mesmo que este sempre constitua um grande obstáculo para o poeta, levando o mesmo a pensar numa primeira tentativa de suicídio (Cf. António Quadros (s.d). *Obra Poética de Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Publicações Europa-América, p. 56.).

se logo que este manifesta sentir “saudade” de uma companhia, do diálogo, de compreensão ou, simplesmente, carinho e atenção.

Fernando Pessoa é inúmeras vezes recordado pelo poeta, nas cartas que este tão afectuosamente lhe dirige. Por isso, com saudade, relembra a presença do seu amigo e as longas e ricas conversas que com ele mantinha, em Portugal. Consequentemente, vai manifestando o desejo e a ansiedade de o encontrar de novo e de com ele inaugurar novas ideias e vivências.

“Sabe que o Santa-Rita descobriu um Fernando Pessoa aqui? E eu concordei com a descoberta. Ainda ontem se assentou junto de nós num café do Bairro Latino. Aliás não o conhecemos. Porque este Fernando Pessoa se resume num rapaz que o faz lembrar, a você. Faz mesmo lembrar muito. Não tanto nos traços fisionómicos detalhados como no «ar», na expressão, em certo gesto-tique de atitude imóvel, rosto encostado ao braço, muito característico em você. Compreende? E assim eu estimo vê-lo. Porque fluidos simpáticos e *saudosos* flutuam envolvendo-o – porque a sua presença me faz recordar, enfim, um amigo querido. E estas evocações, ninharias, são muito doces, creia, no entanto.”

(Paris, 21 de Janeiro de 1913)

“- Como você tem razão quando diz: o que precisávamos era podermos conversar! Que *saudades* [sublinhado nosso], que *saudades* [sublinhado nosso] eu tenho das nossas palestras. Nem o meu querido amigo imagina! (...)”

(Paris, 25 de Março de 1913)

A saudade que Mário de Sá-Carneiro demonstra a amigos íntimos como Maria ou a sua Ama, através das cartas e postais dirigidos à primeira, acusa uma grande carga emotiva e afectiva. Sobre as destinatárias deste sentimento convergem preocupações e inerentes a laços muito íntimos, a tocar uma índole quase familiar.

“(...) Muitas *saudades* à Ama, muitas! – Olha que tu vai escrevendo sempre que possas e contando tudo o que por aí se for passando. Adeus de novo e mais beijos do teu Mário.”

(Paris, 29 de Julho de 1914)

“Estou com mtas. *Saudades* [sublinhado nosso] n’ti – Mas fica sabendo que já te lobriguei da janela do meu quarto. O Mário é espertalhão! Coitadinho dele que te manda mil *saudades* [sublinhado nosso] e mil PERDÕES!”

(Paris, 7 de Junho de 1915)

Em cartas a Carlos de Sá-Carneiro, seu pai, o poeta usa, de modo muito regrado, a palavra “saudade”. Quando o faz, atinge uma emoção de tal forma colossal que quase se

sentem nas suas palavras gritos de desespero de um homem que chora a sua alma insulada. A figura do pai assemelha-se à de um Deus que, com dever omnipresente, simbolizará sempre uma forma de auxílio e de conforto.

“(…) Três linhas apenas onde ponho toda a minha *saudade* [sublinhado nosso]. A semana passada, infelizmente, coisa alguma me chegou do papá. Fiquei muito triste! Suplico-lhe que me escreva por todos os paquetes – um postal ao menos. Sim, meu querido pai? Não se esqueça do Mário, coitado. (...)”

(Paris, 28 de Outubro de 1915)

Esta ilustre personalidade da nossa literatura ainda utilizou a palavra “saudade” noutro contexto: o da sua infância. O apetite pelo retorno à vivência da mesma coincide com desejo de renascer ou reiniciar a vida, propósito emblemático do novo movimento moderno que se fazia sentir na época. Independentemente deste querer colectivo, a nossa figura em destaque esquadrihava, apenas, nesta fase da sua vida, uma recordação confortante de felicidade familiar – que, na realidade, nunca existira (“Que eu por mim, no «Seio da família» foi seio aonde nunca me agitei...” – Paris, 2 de Dezembro de 1912) – e uma arma contra a sua actual solidão.

“(…) A minha tristeza não tem limites, a criança triste chora em mim – ascendem as *saudades* [sublinhado nosso] de ternura – sopra a Zoina sempre, sempre. Como partia pratos em minha casa, quando me zangava com a minha ama: tantos mais quanto maior número tinha começado por partir – acumulo agora disparates sobre disparates num desejo de perversidade: melhor: num desejo de que suceda qualquer coisa, seja o que for: que uma nova fase da minha vida se encete.”

(Paris, 22 de Fevereiro de 1916)

Além da infância, a lembrança de outras etapas da vida desabrocha neste poeta a vontade de as reviver. Embora continue a denominar este sentimento com o vocábulo “saudade”, tudo o que o poeta sente ao recapitular a sua história é nostalgia. Na verdade, a saudade, sentimento “multiforme”⁸ assume uma faceta generalizável, ao passo que a nostalgia remete para cenários, personagens e actos específicos.

“(…) Estou só – dos outros – só de mim para sempre. E as minhas *saudades* [sublinhado nosso], as minhas lágrimas que unicamente assomam – vão, longinquamente, para

⁸ Joaquim de Carvalho, *Compleição do Patriotismo Português*, Coimbra, Atlântida, 1953, p. 21.

as ruas da minha quinta quando eu tinha cinco anos, e o leito pequeno de ferro em que eu dormia então, e certa manhã em que, quando acordei, andava um pássaro no meu quarto, e os passeios às tardes tristes em Lisboa, com a minha Ama – em que eu era já o que hoje sou quase... e mais modernamente as últimas ilusões da minha infância: aquele cãozinho *mops* [?] que você ainda conheceu e corria a buscar pedras que eu lhe atirava... e o meu escritório da Travessa do Carmo onde eu lhe lia, a si, as minhas coisas, onde outrora tanto sonhei com o meu primeiro livro, onde tanto projecto, tanto amigo passou – e onde ainda este ano no dia 1º de Janeiro, eu e o Pacheco e o Franco bebemos champanhe, com o fogão aceso, «fomos» Paris!... (...)"

(Paris, 13 de Julho de 1914)

Em suma, este escritor bebe sozinho as luzes de Paris e sente, como ninguém, o peso da solidão. A distância cobre a sua visão com um manto de saudade: os amigos, a Ama e seu pai constituem lembranças, ausências e bem-querenças que repete quase todos os dias, no sentido de as trazer sempre consigo. A sua infância, adolescência e outras boas e sempre recordáveis etapas constituem lembranças, esporadicamente retiradas de um armário escuro e sofridas por um homem devotamente nostálgico. E, assim, saudade e nostalgia confundem-se com a melancolia e a tristeza e, qual sombras, frequentam o espírito perturbado de Mário de Sá-Carneiro.

TRAÇOS DE UMA IDENTIDADE PORTUGUESA

Sonda-se em Mário de Sá-Carneiro, aquando da sua estada em Paris, uma forma de patriotismo ou de "amor pátrio" muito própria. Na verdade, a imagem que este tem do Portugal da sua época não é realmente muito positiva. Um país, estagnado nas recordações e saudosismo de um passado, acobertando-se dos novos e modernos ventos soprados por um pequeno grupo de artistas, não é certamente o alvo de contemplação do escritor. Mas como ele próprio refere a Fernando Pessoa, esse é um mal geral – a própria França, engrinaldada de "lepidópteros", também pecava por admirá-los:

"Lepidopteria

Engraçadíssima de inferioridade os dizeres da *Águia* que mesmo não percebi em quanto aos versos – ficando sem saber se a redacção aplaude a singularidade dos versos ou se a acentuação dessa singularidade «fez um livro singular» é uma ironia. Sobretudo aquelas clássicas duas ou três noites febris da *Confissão de Lúcio* marcam bem o lepidopterismo do

crítico... – O Pascoais desata a chamar grandes poetas a todos os lepidópteros da França (vide Ph. Lebèsque). O Nicolas Beauduin, futurista, porque o que há de novo e interessante no paroxismo é no fundo Marinetti – receava eu, tinha certeza embora nada dele conhecesse que também roçasse as borboletas. Ora ontem justamente descobri numa revista, *Le Parthénon*, uma poesia dele, «Music-halls» (lembre-se como os futuristas acham-se beleza nos music-halls e gritam que os devemos cantar). A poesia é má, lepidóptero como burro. (...)”

(Paris, 23 de Junho de 1914)

Contudo, o escritor não nega Portugal e reconhece a terra de onde brotam as suas raízes. E, merecendo-lhe alguma distinção, ainda homenageia entrelinhas a República. Exemplos disso constituem dois episódios, por ele vividos em Paris, passíveis de serem omitidos pelo seu carácter trivial, mas que Mário de Sá-Carneiro descreve pormenorizadamente a Fernando Pessoa. Nestes manifesta uma delicada ironia perante as manifestações monárquicas de Santa-Rita a propósito do quadro “Portugal” e do poema “Bailado” da sua autoria.

“Para a exposição das Belas-Artes daí vai enviar, para escândalo, um quadro intitulado Portugal (que eu não vi nem está concluído) e que me descreveu assim: «Uma cabana de Pescador. Um velho sentado. Uma janela aberta. No parapeito um vaso com um manjerico e um cravo de papel tendo uma bandeira de papel, azul e branca com a coroa real... Há uma cabeça de gato reduplicada e vê-se uma mulher olhar pela janela pensando no filho que partiu. Mas não se vê essa mulher nem os olhos dessa mulher. Mas sabe-se que ela olha...» No quadro aliás, diz ele, a única coisa que salta à vista e se compreende é a bandeira monárquica. Isto por conveniência própria além do escândalo: para agradar aos realistas a cuja sombra se acolheu e de quem espera o triunfo... Que me responde você a isto tudo? Não acha um caso curioso de «intoxicação ansiosa»; de pessoa que se *perde* na ânsia do triunfo? (...)”

(Paris, 10 de Dezembro de 1912)

“(...) o Santa-Rita, sempre entusiasmado, pediu-me uma cópia do escrito, pois queria ilustrá-lo. E fantasiou logo uma publicação em plaquette «que marcasse bem Paris», e que como ilustrações, conteria, além das águas-fortes que sobre o «Bailado» ele comporia, o nosso retrato – mas o nosso retrato confundido num só retrato... que aliás ninguém perceberia que era um retrato. (...) Eu pude por isto ver o que era a arte do Santa-Rita (não digo dos cubistas) pois ele me dizia que estas coisas eram só para marcar Paris, para não se perceberem. (...) (Ele ainda achava muito conveniente pôr na capa as *armas reais portuguesas!*...)”

(Paris, 10 de Maio de 1913)

Aparte alguma manifestação lavrada de patriotismo, Mário de Sá-Carneiro assume, ainda, uma certa identidade com o seu país de origem, numa carta a seu pai. Prepara-se, então, para representar a opinião dos portugueses no que diz respeito ao Rei Alberto da Bélgica e pede-lhe colaboração na tarefa que lhe fora incumbida.

“- Está aqui um rapaz que eu conheço há mto tempo, do Liceu, chamado Carlos Ferreira, agente comercial junto da nossa legação na Bélgica, que ultimamente publicou em Lisboa um livro sobre a invasão alemã, e que prepara outro de opiniões portuguesas sobre o rei Alberto! Acho a ideia patusca: que se importará o rei – que deve ter tanto mais em que pensar – com as opiniões dos portugueses... Enfim, isso é com o autor. Ele pediu a minha opinião e a sua. (...)”

(Paris, 3 de Novembro de 1913)

Infelizmente, o facto de o referido livro não ter sido publicado, contendo o depoimento que o escritor realmente elaborara (“Albert I et Son Peuple - Chez les Portugais”) revela uma grande perda: o testemunho do português que o habitava.

Finalmente, a identidade parca que o poeta sentia pelo seu país teve como único forte estímulo uma nova geração de artistas que se insurgia. Vislumbrava-se luz em Portugal! Abertas a novas correntes europeias, estas personalidades provavam e davam a provar todos os ismos que lhe chegavam. Mário de Sá-Carneiro partilhava tão só do quadro literário que bordavam, ao colaborar na revista *Orpheu*, como da perspectiva de que um novo Portugal se avizinhava. Por isto, tanto se correspondeu com o fantasiador do “Quinto Império”, sincero parceiro de ideais e grande confidente:

“(...) Alegrou-me a sua colaboração nessa revista inglesa. Acho uma coisa óptima, um trabalho sobretudo útil e uma boa acção, qual é a de tornar conhecidos no mundo os poetas portugueses de hoje, fazer saber que num canto amargurado e esquecido da Europa, uma poesia grande e nova se começa a desenvolver rasgando horizontes desconhecidos, perturbadores e belíssimos. Não desanime nesse trabalho!”

(Paris, 7 de Janeiro de 1913)

CONCLUSÃO

Mário de Sá-Carneiro, escritor perturbado com a ânsia da plenitude, vai para Paris – a sua cidade da perfeição - com o sentido de se encontrar consigo próprio. Jamais consegue. Não ultrapassando os vários obstáculos que se lhe colocavam, pôs termo à sua vida.

Até ao seu suicídio, revelara-se um arquitecto da palavra e um pensador tenaz. O conteúdo da correspondência enviada a amigos e familiares deixa transparecer um homem sofredor e oscilante. E, visto que a instabilidade constitui característica inegável da juventude — uma etapa da vida onde se formam as ideias — e este poeta morreu jovem, não podemos afirmar, ou mesmo supor, que os desenhos que se formavam na sua alma fossem imutáveis. Na realidade, estes constituiriam apenas esboços.

Imaginemos, pois, como seria este escritor, 10 anos volvidos no estrangeiro. Alargar-se-ia a nostalgia da infância vivida em Camarate com seus avós e Ama até a tempos e episódios passados nos cafés, em tertúlias, na cidade de Lisboa? Assumiriam estes encontros um carácter nacionalista próprio de um país que se encontrava finalmente a si próprio, passado o período de resguardo provocado por abalos tão grandes como o da implantação da República e da primeira guerra mundial? Teria renascido o *Orpheu*, talvez com outro nome, quem sabe “O Quinto Império”? Tomaria a saudade sentida pelo poeta um carácter mais nacionalista? Os ismos imperam – será que uma nova forma de patriotismo também? Identificar-se-ia o poeta com Portugal, com a alma nacional?

Independentemente destas conjecturas, o facto é que Mário de Sá-Carneiro experimentou o peso da identidade, de parte da cultura que viria, mais tarde, a ser nacional. À sua maneira, sentiu uma grande afinidade, não com os portugueses que trabalhavam um Portugal apático, mas sim com aqueles que procuravam provocar o país, agitá-lo e gerar nele uma força febril, renovadora e revitalizadora. Aceitando e professando novas ideias que se faziam sentir na Europa e, nomeadamente em França – seu país de eleição, soube, não obstante, apreciar aquelas que emergiam discretamente no seu país.

A identidade constituiu, pois, uma pequena parte do sentir deste escritor, pelo que fez dele um dos que “(...) desconfiam do adjetivo ‘nacional’; preferem decididamente embrenhar-se no diálogo internacional académico e vêem nos desafios colocados às nações pelo fenómeno da globalização um golpe benéfico no provincianismo retrógrado do pensamento aldeão-nacionalista.”⁹, como tão bem enuncia Onésimo Teotónio Almeida.

BIBLIOGRAFIA

ATIVA

Sá-Carneiro, Mário de (1992). *Cartas a Maria e Outra Correspondência Inédita*. Lisboa: Quimera Editores, pp. 7-71.

Sá-Carneiro, Mário de (2001). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

PASSIVA

Almeida, Onésimo Teotónio (2001). "Identidade Nacional – Algumas Achegas ao Debate Português". In *Semear*, Rio de Janeiro, n.º 5, pp. 151-165.

Carvalho, Joaquim de (1953). *Compleição do Patriotismo Português*. Coimbra: Atlântida.

Guimarães, Fernando (1988). *Poética do Saudosismo*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 7-107.

Lisboa, Eugénio (1980). *Poesia Portuguesa: do "Orpheu" ao Neo-Realismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp. 11-47.

Martins, Fernando Cabral (1997). *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Editorial Estampa.

Monteiro, Adolfo Casais (1929). "Mário de Sá-Carneiro". In *Presença*, n.º 21, vol. I, pp. 2-3.

Pereira, António dos Santos (2001). "A Identidade Portuguesa". In *...À Beira*. Covilhã: Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, n.º 0, pp. 23-37.

Quadros, António (s.d.). *Obras Poéticas de Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Publicações Europa-América, pp. 13-60, 138-139 e 154.

Régio, José (1927). "Da Geração Modernista". In *Presença*, n.º 3, vol. I, pp. 1-2.

Reis, Carlos (1989). *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 163-206 e 291-368.

⁹ Onésimo Teotónio Almeida (2001). «Identidade Nacional – Algumas Achegas ao Debate Português». In *Semear*, Rio de Janeiro, n.º 5, p. 155.